

Agricultores familiares no Vale do Paraíba Paulista:

entre a produção e o consumo de alimentos

Family farmers in Vale do Paraíba, São Paulo:

between food production and consumption

Camila Benjamim Vieira¹

A categoria “agricultor familiar” mobiliza, não de forma homogênea, relações entre a natureza, produção de alimentos e reprodução da vida, que, no rural e urbano transformado, resiste, adapta-se e modifica suas formas produtivas e de consumo. A industrialização, ao distanciar alimento e natureza, conforme afirma Jean-Pierre Poulain em *Sociologias da Alimentação* (2004), oculta variáveis simbólicas que reverberam nas práticas alimentares. Nos interessa como esse movimento impacta também produtores de alimentos.

Aqui apresento um recorte da pesquisa que tem o objetivo de analisar sociologicamente como agricultores familiares mobilizam a categoria valor (construto teórico, simbólico e social) correlacionada à alimentação. Sobretudo, quais variáveis envolvem a identificação dos agentes de sua produção como alimento. Através de entrevistas, observações de discursos e ações (falas sobre a alimentação e refeições), a pesquisa de campo se desenvolve em três cidades do Vale do Paraíba (SP), acompanhando quatro famílias posicionadas diferentemente nos espaços sociais.

Uma breve caracterização sobre elas: a primeira é produtora de orgânicos, plantam frutas, legumes e verduras (FLV) e criam galinhas. Comercializam em feiras e com cestas, porém a renda principal não é da agricultura. Relatam que possuem “tendência” de consumir o que plantam e o que “encontram” de orgânico no mercado; a segunda tem na agricultura a principal fonte de renda, mas além de plantarem FLV, também atuam como atravessadores em comércio atacadista. Possuem um ponto de venda na propriedade e comercializam no centro da cidade (carrinho de mão), além de entregarem para restaurantes. Não costumam almoçar e comem “qualquer coisa”, e a “fome” é um discurso recorrente nas falas do casal; a terceira família, de assentados da reforma agrária, também se sustentam com a agricultura (FLV). Escoam em supermercados, atacadistas, mercados locais e institucionais. Quando necessário, compram marmita para o almoço e possuem o hábito de consumir produtos ultraprocessados. Na quarta família, também de assentados, quem trabalha na horta (FLV) é a filha do meio do casal, sendo que a agricultura não corresponde à renda principal da família. O escoamento da produção é feito em mercados institucionais, por encomendas e mercearias. Afirmam que “procuram ter uma alimentação saudável”, dando preferência para saladas e um baixo consumo de “carne”.

A incursão inicial no campo permitiu observar que, para os agentes, a alimentação é íntima e privada, sendo difícil acessar os discursos e momentos dela. Já o cruzamento dos dados nos levou a uma correlação inesperada (comparada à literatura sobre subsistência): conforme aumenta a dependência econômica da família à agricultura, mais distante fica a identificação da produção

como alimento (para consumo), e ela é tida como produto e renda que levará à compra desses. E de maneira inversa: os que menos dependem da agricultura como fonte de renda aproximam a identificação de sua produção para consumo.

Palavras-chave: produção e consumo alimentar; agricultura familiar; Vale do Paraíba (SP); sociologia econômica.

Keywords: food production and consumption; family farming; Vale do Paraíba; economic sociology.

¹ Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos e bolsista Capes.